**Cantigas medievais**

Desenho de personagem

Descrição gerada automaticamente com confiança média

Cantigas medievais é a denominação concedida aos textos poéticos da primeira época medieval e que fizeram parte do movimento literário do trovadorismo.

Em geral, eram músicas cantadas em coro e, por isso, recebem o nome de "cantigas".

As cantigas trovadorescas estão classificadas em dois tipos:

1. **Cantigas líricas**: incluem as cantigas de amigo e amor, que estão focadas nos sentimentos e nas emoções.
2. **Cantigas satíricas**: incluem as cantigas de escárnio e maldizer, que usam a ironia e o sarcasmo para criticar ou ridicularizar.

**- Cantigas de Amigo -** Nasceram no território português e constituem um vivo retrato da vida campestre e do cotidiano das aldeias medievais na região. Embora compostas por homens, procuram expressar o sentimento feminino através de pequenos dramas e situações da vida amorosa das donzelas, geralmente, as saudades do namorado que foi combater contra os mouros, a vigilância materna, as confissões às amigas. Há nessas cantigas uma forte presença da natureza, sua linguagem é simples e sua estrutura apropriada ao canto e à transmissão oral apresenta refrão e versos encadeados e repetidos ou ligeiramente modificados (paralelismo).

   **- Cantigas de Amor -** Surgiram no sul da França, na região de Provença. Expressam o sentimento amoroso do trovador que se coloca a serviço da mulher amada. Aqui, o amor torna-se tema central do texto poético, deixando de ser pretexto para a discussão de outros temas. Mas é um amor não realizado, não correspondido, que fica sempre num plano idealizado. E de outro modo não poderia ser, pois a mulher amada encontra-se socialmente afastada do poeta: é a senhora, esposa do senhor feudal. São cantigas que espelham a vida na corte através de forte abstração e linguagem refinada.

**- Cantigas de escárnio e de maldizer -** Reúnem a produção satírica e maliciosa da época. Enquanto as de escárnio são críticas e suas ironias feitas de modo indireto, as de maldizer, utilizando linguagem mais vulgar, às vezes obscena, referem-se direta e nominalmente a suas personagens. Os temas centrais destas cantigas são as disputas políticas, as questões e ironias a que os trovadores se lançam mutuamente e que nos lembram os "desafios" de nossa literatura de cordel, as intimidades de alcova, a covardia ou a falta de jeito de alguns cavaleiros, as mulheres feias e/ou depravadas. É verdade que seu valor poético é pequeno, mas seu aspecto documental torna imprescindível seu estudo.

**Quadro resumo cantigas medievais**

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| **Tipo** | **Eu-lírico** | **Temática** | **Ambiente** | **Linguagem** |
| **Amor** | Masculino | Sofrimento do homem que ama sem ser correspondido. | Corte (Amor Cortês) | Refinada, abstrata. O homem não revela o nome da mulher amada. |
| **Amigo** | Feminino | A moça lamenta a ausência do namorado, que pode estar em guerra ou ter viajado. | Rural (Vilas) | Simples. Com repetições de trechos. Uso de paralelismos. |
| **Escárnio** | Masculino | Disputas políticas, intimidades de alcova, falsa moral. Cavaleiros covardes. Mulheres de má índole etc. | Corte, vilas | Linguagem irônica e indireta. Não se cita o nome da pessoa criticada. Uso de trocadilhos. |
| **Maldizer** | Masculino | Disputas políticas, intimidades de alcova, falsa moral. Cavaleiros covardes. Mulheres de má índole etc. | Corte, vilas | Simples, vulgar, às vezes, obscena, refere-se diretamente à pessoa criticada. |

***Autores (Trovadores)***

Os mais conhecidos trovadores foram: João Soares de Paiva, Paio Soares de Taveirós, o rei D. Dinis, João Garcia de Guilhade, Afonso Sanches, João Zorro, Aires Nunes, Nuno Fernandes Torneol.

Mas aqui falaremos apenas sobre alguns.

**Paio Soares Taveiroos** (ou Taveirós) era um trovador da primeira metade do século XIII. De origem nobre, é o autor da Cantiga de Amor A Ribeirinha, considerada a primeira obra em língua galaico-portuguesa.

**Dom Dinis**, o Trovador, foi um rei importante para Portugal, sua lírica foi de 139 cantigas, a maioria de amor, apresentando alto domínio técnico e lirismo, tendo renovado a cultura numa época em que ela estava em decadência em terras ibéricas.

**João Garcia de Guilhade** foi um [trovador](http://pt.wikipedia.org/wiki/Trovador) [português](http://pt.wikipedia.org/wiki/Portugal), nascido em [Milhazes](http://pt.wikipedia.org/wiki/Milhazes), concelho de [Barcelos](http://pt.wikipedia.org/wiki/Barcelos). Desenvolveu a sua arte poética em meados do [século XIII](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9culo_XIII). Apesar de ser reconhecida a sua capacidade e mestria poética, muita da sua produção tem um carácter brejeiro. É autor de poemas mordazes e célebres, como «*Ai Dona fea, fostes-vos queixar*», e coube-lhe introduzir o tema dos «olhos verdes» na [lírica](http://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%ADrica) portuguesa, com «*Amigos, non poss'eu negar*».

**D. Duarte** foi o décimo primeiro rei de Portugal e o segundo da segunda dinastia. D. Duarte foi um rei dado às letras, tendo feito a tradução de autores latinos e italianos e organizando uma importante biblioteca particular. Ele próprio nas suas obras mostra conhecimento dos autores latinos.

Obras: Livro dos Conselhos; Leal Conselheiro; Livro da Ensinança de Bem Cavalgar Toda a Sela.

**Gomes Eanes de Zurara**, filho de João Eanes de Zurara. Teve a seu cargo a guarda da livraria real, obtendo em 1454 o cargo de “cronista-mor” da Torre do Tombo, sucedendo assim a Fernão Lopes. Das crônicas que escreveu destacam-se: Crônica da Tomada de Ceuta, Crônica do Conde D. Pedro de Meneses, Crônica do Conde D. Duarte de Meneses e Crônica do Descobrimento e Conquista de Guiné.

***Algumas cantigas:***

**CANTIGAS DE AMOR**

**Cantiga à Ribeirinha**

No mundo non me sei parelha,

Me foi a mi muyn mal,

E vos, filha de don Paay

Moniz, e bemvus semelha

D’aver eu por vos guarvaya

Pois eu, mia senhor d’alfaya

Nunca de vos ouve, nem ei

Valia d’ua correa.

(Paio Soares de Taveirós)

Mentre me for’como me vay

Ca já moiro por vos – e ay!

Mia senhor branca e vermelha,

Queredes que vos retraya

Quando vus eu vi em saya!

Mao dia me levantei,

Que vus enton non vi fea!

E, mia senhor, des aquel di’ ay!

**Amigos, non poss’eu negar**a gran coita que d’amor ei,  
ca me vejo sandeu andar,  
e con sandece o direi:  
Os olhos verdes que eu vi  
me fazen ora andar assi.

mais eu... ja quer moira, quer non:  
Os olhos verdes que eu vi  
me fazen ora andar assi.  
  
*Pero non devi'a perder  
ome que ja o sen non á  
de con sandece ren dizer,  
e con sandece digu’eu ja:  
Os olhos verdes que eu vi  
me fazen ora andar assi.*

*(João Garcia Guilhade)*

Pero quen quer x’entenderá  
aquestes olhos quaes son,  
e d’est’alguén se queixará,

**CANTIGA DE AMIGO**



**- Ai flores, ai flores do verde pino,**

Se sabedes novas do meu amigo?

Ai, Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,

Se sabedes novas do meu amado?

Ai, Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,

Aquel que mentiu do que pôs comigo?

Ai, Deus, e u é?

**CANTIGA DE MALDIZER**

**Conheceis uma donzela**

e o Demônio cedo o tome!)

quis chamá-la pelo nome

e chamou-lhe Dona Ousenda.

Pois que se tem por formosa

Quanto mais achar-se pode,

Pela Virgem gloriosa!

Um homem que cheira a bode

E cedo morra na forca

Quando lhe cerrava a boca

Chamou-lhe Dona Gondrode

Por quem trovei e a que um dia

Chamei dona Berinjela?

Nunca tamanha porfia

Vi nem mais disparatada.

Agora que está casada

Chamam-lhe Dona Maria.

Algo me traz enojado,

Assim o céu me defenda:

Um que está a bom recato

(negra morte o surpreenda

***CANTIGA DE ESCÁRNIO***

**Ai dona fea! Foste-vos queixar**Que vos nunca louv'en meu trobar   
Mais ora quero fazer un cantar   
En que vos loarei toda via;   
E vedes como vos quero loar:   
Dona fea, velha e sandia!

Ai dona fea! Se Deus mi pardon!   
E pois havedes tan gran coraçon   
Que vos eu loe en esta razon,   
Vos quero já loar toda via;   
E vedes qual será a loaçon:   
Dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei   
En meu trobar, pero muito trobei;   
Mais ora já en bom cantar farei   
En que vos loarei toda via;   
E direi-vos como vos loarei:   
Dona fea, velha e sandia!

(João Garcia de Guilhade)